

É POSSÍVEL “GOZARMOS JUNTOS”? (*)

Amadeu de Oliveira Weinmann (**)

RESUMO

Este artigo discute o problema da *discrepância temporal entre o momento do clímax do homem e o da mulher, no ato sexual*, tomando como ponto de partida as reflexões propostas por Wilhelm Reich em um de seus mais remotos artigos: *O coito e os sexos* (1922). Em seguida, confronta estas reflexões com as teorizações reichianas posteriores, enfeixadas sob a denominação de *teoria do orgasmo*. Por fim, examina, desde uma perspectiva histórica, as transformações ocorridas no campo da sexualidade, que tornaram a *discrepância dos clímaxes* uma questão importante na contemporaneidade. A hipótese assumida neste trabalho é de que é do entrelaçamento de duas tendências contraditórias da sexualidade contemporânea – o enfraquecimento da noção de *alteridade* e, conseqüentemente, da de *amor objetal* e, em contrapartida, o desenvolvimento de um *anseio igualitário por intimidade e intensidade* – que emerge a questão da *discrepância dos clímaxes* como um importante tema nos discursos atuais sobre a sexualidade.

Palavras-chave: sexualidade, orgasmo, alteridade, intensidade e intimidade.

ABSTRACT

This article discusses the issue of the *time discrepancy between men's and women's moment of the orgasm, in sexual intercourse*, having as point of reference the reflections of Wilhelm Reich in one of his most remote articles: *The coitus and the sexes* (1922). Then it collates these reflections and later reichian theorizations, put together by the denomination *theory of orgasm*. Finally, it examines, from a historical perspective, the transformations of the sexuality field, which made the *discrepancy of climaxes* an important issue in contemporary society. Our hypothesis is that from the clash of two contradictory tendencies of contemporary sexuality – the erosion of the notions of alterity and, consequently, of *object love*, and, as a counterbalance, the development of a

(*) Artigo publicado na *Revista da Sociedade Wilhelm Reich/RS*, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 9-21, out., 2002.

(**) Psicoterapeuta Reichiano (CRP: 07/09371), historiador, especialista em Clínica Psicanalítica e doutor em Educação.

igualitarian desire for intimacy and intensity – the issue of the *discrepancy of climaxes* arises as an important question in the current discussions on sexuality.

Key-words: sexuality, orgasm, alterity, intensity and intimacy.

INTRODUÇÃO

A leitura recente de um dos mais remotos artigos de Wilhelm Reich – *O coito e os sexos*, publicado na revista do Seminário de Sexologia da Faculdade de Medicina de Viena, em 1922 – colocou-me diante de uma questão que me parece possuir uma significativa relevância clínica e que, no entanto, não me recordo de haver encontrado algo escrito a seu respeito na literatura de inspiração reichiana: o problema da *discrepância temporal entre o momento do clímax do homem e o da mulher, no ato sexual*. Mesmo Reich não tornou a debruçar-se sobre este tema, senão que muito tangencialmente, em outros momentos de sua produção teórica.

Entretanto, queixas de pacientes em relação a esta questão surgem com relativa freqüência no consultório. Talvez o mais comum seja escutarmos de mulheres que seus companheiros são apressados demais e que se preocupam pouco com o prazer delas. No entanto, também atendemos homens que se queixam que suas mulheres exigem de sua potência para além das possibilidades deles; e que, por mais que se esforcem, estes homens não conseguem satisfazê-las. Bem mais raro, mas não impossível de se encontrar, é o caso do homem que se frustra porque sua parceira atinge o orgasmo rápido demais, sem que ele possa experimentar o clímax com ela. Por vezes, esta questão aparece de outra forma, não abordada por Reich em seu artigo: refiro-me à situação em que, com certa regularidade, o desejo do encontro sexual surge para um dos parceiros, mas não para o outro (podendo ser este sempre a mesma pessoa, ou não); no entanto, é muito provável que estas sejam apenas duas modalidades de manifestação do mesmo fenômeno.

A análise desta questão, no artigo *O coito e os sexos*, remeteu-me a refletir de uma forma mais ampla sobre a teoria reichiana da sexualidade, em sua formulação mais elaborada: a *teoria do orgasmo*. Esta reflexão, por sua vez, acabou por inserir-se em uma perspectiva de análise histórica, que vem me ocupando nos últimos tempos. De modo que este trabalho teve seu foco ampliado, embora sua questão de fundo – que dá nome ao artigo –, tenha permanecido o tempo todo no horizonte, funcionando como um *organizador* da reflexão. Esta ampliação do foco pareceu-me necessária, a fim de que a

discussão do tema principal não se esgotasse em si mesma – o que certamente a empobreceria.

Finalmente, ainda a título de introdução, penso ser importante esclarecer duas questões. A primeira diz respeito ao sentido atribuído, neste artigo, ao termo *gozar*. Psicanaliticamente, é possível afirmar, por exemplo, que, não raro, a mulher frígida *goza*, neuroticamente, com o fato de seu parceiro ser incapaz de fazê-la *gozar*, orgasticamente. Compartilho deste ponto de vista; entretanto, neste trabalho não é este o enfoque adotado. *Gozar*, aqui, tem a conotação estrita de *atingir o orgasmo*. O outro ponto é o seguinte: *gozarmos juntos*, neste artigo, não significa, necessariamente – como, aliás, o próprio Reich assinala em *O coito e os sexos* –, ambos os parceiros atingirem o clímax no mesmo instante, mas tem o sentido de que os envolvidos no encontro sexual possam proporcionar-se, reciprocamente, a experiência de satisfação.

REICH, O COITO E OS SEXOS

O artigo *O coito e os sexos* baseou-se em uma exposição que Reich realizou no Seminário de Sexologia da Faculdade de Medicina de Viena, em 1921. Trata-se de um trabalho eminentemente sexológico, pré-psicanalítico, embora a influência das teorias freudianas já possa ser claramente percebida. Nele, Reich contesta os pontos de vista sustentados em um artigo intitulado *Acerca da diferença de tempo nas sensações dos sexos durante o coito*, publicado na revista do Seminário de Sexologia por um certo Urbach, em 1921. Este autor interpretava a existência de uma discrepância temporal entre o clímax masculino e o feminino – no sentido de que o orgasmo do homem sempre aconteceria antes do da mulher – como tendo uma finalidade biológica, qual seja, a de que o homem ejaculasse pela segunda vez. Nesta segunda ejaculação estariam dadas as condições ótimas para a concepção, já que, após o orgasmo da mulher,

(...) o útero se desloca para baixo, o colo do útero se abre e a membrana mucosa de Kristeller fica protuberante. Então o esperma masculino seria encaminhado ao útero imediatamente após a ejaculação (...) (Reich, 1992 [1922]: p. 15).

Reich não contesta o valor empírico da constatação da discrepância entre o momento do clímax do homem e o da mulher, no ato sexual; entretanto, refuta a perspectiva finalística (e idealista) da argumentação de Urbach. Se a intenção era favorecer a reprodução, por que motivos a natureza não tratou de colocar o orgasmo do

homem após o da mulher? Evidentemente, o que está em jogo não são desígnios (sobre)naturais. Partindo desta premissa, Reich proporá que se retire a questão do terreno da finalidade e que se a reinterprete desde o ângulo da causalidade.

Embora reconheça a alta incidência do fenômeno a que se refere Urbach, Reich questionará sua *normalidade*. Afirmará que, se deslocarmos o termo *normal* de seu sentido estatístico – um dado que prevalece na maioria dos casos – em direção a uma conotação subjetiva, relativa ao bem-estar psíquico e social proporcionado pela experiência, poderemos

(...) admitir que no caso de clímaxes simultâneos do homem e da mulher a satisfação lhes é assegurada, enquanto que no caso de clímaxes separados – especialmente no caso de clímax prematuro do homem – a satisfação da mulher será discutível (Reich, 1992 [1922]: p. 16).

Nesta perspectiva, normal seria a coincidência dos clímaxes, ou, quando isto não fosse possível, que ambos os parceiros pudessem atingi-lo, apesar da discrepância temporal.

Reich questionará, também, o reducionismo biológico implícito na tese de Urbach, isto é, sua concepção de que o ato sexual seria marcado por estágios regulados por uma sucessão automática e fisiologicamente condicionada, que acarretaria a inevitável discrepância temporal entre o clímax do homem e o da mulher. De acordo com Reich, fatores psíquicos e sociais seriam capazes de intervir nos mecanismos fisiológicos envolvidos no ato sexual, quer no sentido de proporcionar uma certa harmonia entre os parceiros, que possibilite a gratificação recíproca, quer no sentido de provocar uma perturbação no relacionamento do casal, que implique na insatisfação de um de seus membros, ou de ambos¹.

Ao longo do artigo, Reich ocupar-se-á em demonstrar os processos psíquicos e sociais responsáveis pela discrepância temporal nos clímaxes masculino e feminino. Em síntese, estes fatores seriam “(...) a divisão da unidade da pulsão libidinal num componente afetivo e em outro sensual (...)” (Reich, 1992 [1922]: p. 19) e o modelo duplo de moral sexual, que lhe corresponde. Reich cita como exemplo de divisão da pulsão libidinal aqueles casos de *impotência facultativa*, nos quais “(...) o paciente não consegue ter relações com a própria esposa, mas nunca falha com as prostitutas” (Ibid.: p. 17)². Esta divisão teria origem, no homem, na cisão do objeto primordial em duas figuras

¹ Já aqui podemos identificar a inclusão da sexualidade no ponto de intersecção entre processos biológicos, psicológicos e sociológicos, que caracteriza a concepção reichiana.

² Um cliente meu, que padece desta divisão, ao final de uma determinada sessão contou-me a seguinte piada: “tu sabias que estão lançando no mercado um novo modelo do *Viagra*, o *Viagra Plus*?”. Eu, crédulo, respondi que não. Ele prosseguiu: “Pois dizem que com ele o homem é capaz de transar até com a própria esposa!”.

antagônicas: a mulher idealizada, venerada (esposa-mãe), e a prostituta (porção da figura materna que se entrega sexualmente ao pai). Reich afirma que, quando perguntados acerca do porquê de não manterem uma vida sexual excitante com suas esposas como a que mantêm com as prostitutas, estes homens invariavelmente respondem que “o quarto do casal não é um bordel. Uma mulher decente não deve aceitar essas obscenidades” (Ibid.: p. 20).

Reich sustentará que a *ejaculação precoce*, quando se manifesta apenas com a esposa, é uma forma branda de impotência facultativa e revela a apreensão do homem em relacionar-se sexualmente com uma mulher de seu nível social; mas que, quando afeta o contato sexual com qualquer mulher,

(...) ela é então a expressão de uma certa angústia inconsciente, geralmente uma angústia de castração. Tais pacientes fornecem imagens inibidoras, como por exemplo, que a mulher tem dentes na vagina ou que existe alguma coisa no fim do ‘tubo’ da mulher que abocanha o pênis (Reich, 1992 [1922]: p. 19).

Neste segundo caso, a cisão esposa/prostituta (ou esposa/amante, etc) apresentar-se-ia erodida e a sexualidade masculina, afetada em maior extensão – embora em igual profundidade.

Reich assinalará que, mesmo quando o homem não sofre de impotência facultativa, ou de ejaculação precoce, freqüentemente comporta-se com sua esposa exatamente como com a prostituta – de forma completamente egoísta, sem manifestar interesse em proporcionar-lhe satisfação³, “(...) já que raramente ou quase nunca experimentou um aumento do seu próprio prazer através do orgasmo da mulher”⁴ (Reich, 1992 [1922]: p. 20). Sucintamente, estes seriam os fatores relacionados à psicologia masculina responsáveis pela discrepância temporal entre o momento do clímax do homem e o da mulher; eles seriam referendados por uma moral social perante a qual a realização do adultério, pelo homem, seria quase uma obrigação, a fim de preservar a família dos efeitos perniciosos da sexualidade⁵.

Desde a perspectiva feminina, Reich tomará a *frigidez* – situação limite de inibição da excitabilidade sexual da mulher – como ponto de partida para as suas reflexões. Reich (1992 [1922]: p. 17) sugerirá que a frigidez decorre, freqüentemente, da “(...) rejeição neurótica do companheiro imposto ou livremente escolhido”. Podemos nos perguntar se

³ Reich diferencia a *ejaculação precoce*, que associa à idealização da mulher, da *ejaculação antecipada*, que denota a falta de interesse do homem pela satisfação de sua companheira e pressupõe uma atitude de subestimação e de desprezo em relação ao sexo feminino.

⁴ Neste contexto, Reich discute os efeitos da simulação do orgasmo, pelas prostitutas, sobre a excitabilidade do homem.

⁵ Possivelmente, esta seja a origem do mito de que o homem possui maior “necessidade sexual” do que a mulher.

seria *neurótica* a rejeição de um companheiro imposto, ou de um marido impotente, ou ainda de um parceiro completamente desinteressado de sua satisfação; no entanto, parece-me que Reich está denominando neurótica a forma assumida por esta rejeição – a renúncia, pela mulher, à possibilidade de desfrutar o prazer sensual. É certo que esta renúncia possuía vigorosos determinantes sociais: Reich aponta a exigência, que recaia sobre as moças, de completa abstinência sexual até o matrimônio; as enormes restrições à realização do adultério pela mulher; e a ausência de satisfação sexual no casamento, que freqüentemente era compensada por um amor completamente abnegado aos filhos⁶.

Mesmo levando estes aspectos em consideração, Reich assinala que as perturbações da excitabilidade feminina também são encontradas em mulheres que escolheram parceiros capazes de proporcionar-lhes satisfação. Isto aconteceria nos casos em que “(...) a indispensável repressão da sexualidade clitoriana e por conseguinte, sua transferência para o sistema vaginal não foi bem sucedida durante a puberdade” (Reich, 1992 [1922]: p. 18). As falhas neste processo deixariam marcas perenes na sexualidade feminina. Reich sugere que, por conta disto, muitas mulheres desconheciam o erotismo genital e sua sexualidade tenderia a encontrar-se difusa pelo restante do corpo: “a primazia do refinamento na arte de se vestir e se movimentar, a coqueteria especificamente feminina, entre outras coisas, são indicações disso e parecem ser os equivalentes da erogeneidade fálica” (Reich, 1992 [1922]: p. 18). Um outro destino deste processo seria o completo desinteresse pelo companheiro e a transformação da maternidade em fonte primordial de gratificação – o filho como substituto do falo perdido. De acordo com Reich, este conjunto de fatores explicaria, do lado da mulher, as razões da discrepância temporal dos clímaxes no ato sexual, apontada por Urbach.

Por outro lado, quando os componentes afetivo e sensual da corrente libidinal permanecem unificados e convergem sobre o companheiro, as circunstâncias são completamente diferentes:

Um homem experiente que tem laços igualmente físicos e afetivos com uma mulher, na medida em que é plenamente potente e devido aos seus sentimentos pela mulher, conseguirá modificar seus diferentes estágios de coito fisiologicamente condicionados. Deste modo, ele atingirá o clímax quase que simultaneamente à parceira (...) (Reich, 1992 [1922]: p. 21)⁷.

⁶ Reich também inclui a miséria social, que afeta mulheres da classe trabalhadora, obrigando-as a dedicarem-se exaustivamente ao trabalho e aos filhos, muitas vezes sem o apoio de um companheiro, entre os fatores que podem contribuir para sua renúncia à sexualidade.

⁷ Deve-se observar que, sempre que Reich discute a possibilidade de simultaneidade dos clímaxes, neste artigo, é ao homem que atribui a responsabilidade de operar as modificações necessárias para que isto ocorra.

Entretanto, Reich reconhece que esta situação – que, do seu ponto de vista, é a mais gratificante para o casal – é bastante rara, pelos motivos arrolados acima⁸.

A TEORIA DO ORGASMO

Neste esboço de *psicopatologia e sociologia da vida sexual*⁹ já encontramos em análise aquele fenômeno que viria a constituir-se na pedra angular das investigações de Wilhelm Reich – o *orgasmo*. Nesta sua primeira aproximação ao tema, Reich demonstra que o problema da discrepância temporal entre o momento do clímax do homem e o da mulher, no ato sexual, não decorre de uma condição biológica imutável, vinculada à reprodução, mas que se insere em perspectivas psíquicas e sociais, relacionadas à possibilidade, ou não, dos sujeitos envolvidos na experiência dela extraírem as maiores quotas de prazer. Esta *desnaturalização* do orgasmo parece-me ser a grande contribuição do artigo *O coito e os sexos*.

No entanto, pode-se observar que, neste artigo, a *teoria do orgasmo* ainda encontra-se em estado embrionário. Reich (1992 [1922]: p. 24) afirma: “um homem que está afetivamente ligado à mulher pode agir voluntariamente sobre a sucessão dos estágios fisiológico-reflexos, conseguindo desse modo uma simultaneidade dos clímaxes”. A partir desta sentença, podemos tecer as seguintes considerações:

- O conceito de *potência*, com que Reich opera, ainda está intimamente relacionado à capacidade do homem de ter ereção e de mantê-la mesmo após atingir o clímax (ejaculação), permitindo, desta forma, que a mulher também chegue ao orgasmo. Este conceito de potência está fortemente amarrado à noção de domínio consciente, de controle voluntário do homem sobre os seus “automatismos sexuais fisiologicamente condicionados”. Além disto, esta perspectiva desconsidera a hipótese de uma potência feminina intrínseca, visto que a possibilidade da mulher experimentar o orgasmo está atrelada à potência masculina. O conceito de

⁸ Reich (1992 [1922]: p. 22) afirma que “(...) as queixas de insatisfação são mais raras nos casamentos realizados sob circunstâncias favoráveis ou nos assim chamados casos de amor livre, (...) na medida em que não existam profundos distúrbios psíquicos individuais”.

⁹ Subtítulo – e, posteriormente, título – do primeiro livro *A função do orgasmo*, publicado por Reich em 1927.

*potência orgástica*¹⁰ (Reich, s/d [1927]; 1994 [1942]) virá superar estes impasses teóricos.

- A noção de “automatismos sexuais fisiologicamente condicionados”, ou de “sucessão dos estágios fisiológico-reflexos”, ainda retém a idéia de que a discrepância nos ritmos excitatórios do homem e da mulher seria de natureza biológica. O que Reich está propondo, em seu artigo *O coito e os sexos*, é que fatores psíquicos e sociais podem abrandar esta discrepância natural, ou agravá-la. O conceito de *couraça muscular* retirará esta questão de uma perspectiva estritamente fisiológica, inserindo-a no ponto de entrecruzamento de processos biológicos, psíquicos e sociais. O encouraçamento biofísico consistiria no componente somático das inibições da excitabilidade sexual – responsáveis pela discrepância entre os clímaxes – e constituir-se-ia, defensivamente, contra o que Reich denominou *angústia orgástica*¹¹.
- O que Reich tem em vista, no artigo que estamos examinando, é retirar a sexualidade – mais especificamente, o orgasmo – do terreno estritamente biológico-reprodutivo, analisando-a pelo viés do prazer que podem desfrutar aqueles que a experimentam. Em nenhum momento deste artigo Reich correlaciona as perturbações da satisfação orgástica com o problema da *etiologia das neuroses* – o que fará, posteriormente, ao cunhar o conceito de *impotência orgástica*.
- A ênfase conferida por Reich aos fatores sexuais *atuais*¹² na etiologia das neuroses fez com que tanto psicanalistas, quanto reichianos, entendessem que os processos psíquicos inconscientes, relativos aos conflitos sexuais infantis – Édipo, castração, recalçamento, etc –, fossem desprezados por este autor. Em *O coito e os sexos*, vemos Reich derivar as perturbações orgásticas desta ordem de processos. Uma leitura atenta da obra posterior de Reich permitirá conceber a relação entre os fatores atuais e os infantis (inconscientes) como sendo de natureza eminentemente *dialética*; a importância atribuída por Reich aos fatores

¹⁰ Capacidade do sujeito de envolver-se afetiva e sexualmente com um(a) parceiro(a) e de entregar-se ao fluxo da excitação, permitindo que esta atinja seu clímax e completo escoamento – fato que implica uma dissolução temporária do controle egóico e que pressupõe a ausência de rígidas fixações infantis.

¹¹ Profundo temor às intensidades pulsionais que, no orgasmo, invadem o sujeito, subvertendo sua organização egóica.

¹² A impotência orgástica consistindo na *fonte de energia das neuroses*.

atuais tem de ser compreendida como a contrapartida, no interior do movimento psicanalítico, da desvalorização teórica dos mesmos¹³.

- A idéia de que a simultaneidade dos clímaxes não só é possível, como desejável, não foi revogada com o desenvolvimento da teoria do orgasmo. Reich (1994 [1942]: p. 99) sustenta:

O orgasmo em ambos os sexos é mais intenso quando coincide neles o ápice da excitação genital. Esse é muito freqüentemente o caso entre homens e mulheres capazes de concentrar afeição e sensualidade em *um* companheiro que corresponde a essa afeição e sensualidade¹⁴.

- Com o desenvolvimento da *orgonomia*, Reich (2001 [1948]: p. 361) enunciará esta questão em novos termos, mais próximos da física e da biologia:

A superposição sexual é acompanhada pela luminação orgonótica das células do corpo e pela penetração e fusão de dois sistemas de energia orgonótica numa unidade funcional. Os dois sistemas orgônicos que se tornaram *um* descarregam sua energia no auge da excitação (= luminação) em convulsões clônicas.

- A expressão gráfica¹⁵ do processo orgástico – a *curva orgástica* – proporcionará à teoria reichiana um modelo abstrato para analisar os fenômenos culturais¹⁶. Cláudio Wagner (1998a; 1998b) sugerirá que uma piada – ou uma partida de futebol – será tão mais prazerosa, quanto maior for a expectativa (tensão psíquica) que gerar e mais plena for a resolução da tensão (descarga energética) que proporcionar. Em uma conversa informal, Cláudio Wagner observou que a noção de *tempo lógico* da sessão analítica, proposta por Jacques Lacan, também obedece ao princípio da curva orgástica. A tensão psíquica, decorrente do conflito entre a censura egóica e o material recalcado, eleva-se – em transferência – até um ponto intolerável, quando rompe-se a defesa e produz-se uma formação do inconsciente (um ato falho, por exemplo), portadora da excitação represada. Neste momento, o analista encerra a sessão, remetendo o paciente à inexorável solidão dos amantes.

¹³ Blank (1995 e 1997) postula que Reich, Ferenczi e Groddeck foram os psicanalistas que enfatizaram o caráter disruptivo das intensidades pulsionais frente à contenção egóica e sugere que esta posição esteve na origem do processo de marginalização que estes autores sofreram no movimento psicanalítico.

¹⁴ Isto me remete a uma interessante observação do psiquiatra José Ângelo Gaiarsa, de que “a potência orgástica não é uma qualidade individual, mas de uma relação” (comunicação oral).

¹⁵ Urbach e Havelock Ellis (importante sexologista, cujas idéias foram examinadas por Reich no período do Seminário de Sexologia) também utilizavam gráficos para expressar o processo sexual.

¹⁶ Antes de Reich, Freud já se pronunciara, em diferentes momentos de sua obra, no sentido de que o prazer sexual seria o *protótipo* de toda forma de satisfação, mesmo daquelas derivadas de processos de sublimação.

- Um outro ponto abordado por Reich no artigo *O coito e os sexos* é o intrigante fenômeno da *polaridade*, que parece desempenhar um papel crucial na atração sexual. Reich postula que, quando os impulsos afetivos e sensuais estão unificados e convergem sobre o(a) companheiro(a), a atitude do homem e da mulher, no pós-coito, transforma-se:

Antes do coito o homem assume um papel sedutor, dominante e ativo enquanto que a atividade da mulher está em sua passividade (...). Gradualmente, a atividade do homem transforma a passividade da mulher em atividade, que se intensifica conjuntamente à do homem até o clímax orgástico ser alcançado (Reich, 1992 [1922]: p. 22-3).

Neste momento, uma reversão começaria a ocorrer: o homem torna-se passivo e infantil, e aninha-se junto ao corpo da mulher, e a mulher torna-se ativa e maternal, aconchegando o homem em seu colo. Reich relaciona esta mudança de atitude aos mais remotos desejos (edípicos) do homem e da mulher – (re)unir-se ao corpo materno e ter um filho com o pai, respectivamente. Entretanto, destaco que a idéia de *polaridade*, em Reich, não é estática – o ativo permanecendo ativo, o mesmo ocorrendo com o passivo –, mas dinâmica: atividade transformando-se em passividade e vice-versa, permanentemente. A rigidez em uma destas atitudes consistiria em um impedimento à experiência orgástica.

- Em conexão com o tema da polaridade encontra-se o fato de que, no orgasmo, ao mesmo tempo em que se vivencia a mais intensa experiência de fusão somato-psíquica da vida adulta¹⁷, é condição desta vivência um alto nível de individualização, de diferenciação subjetiva (é neste sentido que me refiro, acima, à inexorável solidão dos amantes). Dito de outra forma, sincronicamente ao fato de que a experiência sexual suscita a esperança de realização dos mais recônditos desejos humanos – aqueles vinculados ao Édipo –, sua condição irrevogável de possibilidade de gratificação é a renúncia interior à satisfação dos referidos desejos. Esta conjunção dos mais radicais dilemas da existência humana é que tornaria o orgasmo uma experiência tão assustadora e, ao mesmo tempo, desejada.
- Por conta do modo como a questão das polaridades configurou-se para Reich – homem/mulher, em vez de masculino/feminino –, em seu modelo teórico o lugar

¹⁷ A partir de uma leitura ferencziana, Blank (1995) e Figueiredo (1999) propõem que o *anseio orgástico* – e, igualmente, o anseio do bebê de união com o corpo materno – deriva de (mas, ao mesmo tempo, arremessa para longe de ..., o que traz de volta a ..., etc) uma tendência regressiva de *retorno ao útero*, que, por sua vez, corresponderia a um impulso filogenético de retorno ao ambiente marinho (*regressão talássica*).

legado à *homossexualidade* será junto da patologia. Talvez Reich tenha se atido ao que Freud denominou complexo de Édipo simples, perdendo de vista a importante noção de complexo de Édipo duplo¹⁸. O fato é que Reich, invariavelmente, inclui a ocorrência de *fantasias homossexuais* entre os fatores inibitórios do processo orgástico. Esta assertiva parece-me legítima no caso de pessoas heterossexuais que se assustam com suas tendências homossexuais reprimidas; entretanto, como gozariam os homossexuais, senão com suas fantasias homoeróticas?

- Este tema nos leva a discutir o conceito de *normalidade*, em Reich. Como vimos, em *O coito e os sexos* Reich propõe que consideremos normal o que proporciona satisfação, ou bem-estar, aos envolvidos no encontro sexual (penso que podemos extrapolar este critério para os outros aspectos da vida). No entanto, ao longo de sua obra desenvolve-se um *modelo ideal* do que seria o prazer – a *potência orgástica* – e o sujeito saudável – o *caráter genital* –, que tende a cristalizar-se, a tornar-se *norma*. Este modelo ideal fundar-se-ia no que Reich entende como sendo o *natural*, no humano, para além de todo encorajamento biopsíquico introduzido pela sociedade patriarcal (encorajamento este constituído exatamente com o intuito de dominar as forças da natureza que habitam o homem). Esta tendência de *naturalização* do humano far-se-á acompanhar por uma aproximação cada vez maior dos métodos e conceitos das Ciências Naturais (modelo energético). Um exemplo desta tendência encontramos no próprio *O coito e os sexos* quando, após haver feito a rigorosa desconstrução das hipóteses finalísticas e naturalizantes de Urbach, através da análise minuciosa dos aspectos psíquicos e sociais responsáveis pela discrepância temporal entre os clímaxes, Reich (1992 [1922]: p. 22) afirma: “(...) o que a natureza exige não é uma segunda ejaculação, mas a coincidência dos componentes afetivos e sensuais”.
- Penso que cabe analisarmos o artigo *O coito e os sexos* à luz de suas vinculações com o contexto histórico em que foi produzido. Em termos de uma *sociologia da vida sexual*, é gigantesca a transformação operada em nossa cultura¹⁹. Se nos primórdios da década de 20 do século XX, ainda vigorava um discurso fortemente restritivo acerca da sexualidade, impregnado de conotações médicas, religiosas e moralizantes, e a prática sexual era confinada em algumas regiões bem

¹⁸ Ver, por exemplo, *O ego e o id* (1923).

¹⁹ Wilhelm Reich participou ativamente deste processo de transformação, embora o rumo tomado por estas modificações, em diversos aspectos, não tenha sido aquele por ele propugnado (a este respeito, ver Reich, 1981 [1936]).

delimitadas da vida social²⁰, na atualidade talvez possamos falar de uma intensa sexualização do cotidiano, em estreita conexão com o marketing e os meios de comunicação de massa – o sexo ofertado conjuntamente com um universo de mercadorias, objeto fetichista embalado em uma promessa dourada de felicidade – , num contexto em que o culto narcísico do corpo e o desempenho de uma boa performance sexual tornaram-se um imperativo.

- Em decorrência destas tendências dominantes da sexualidade contemporânea, observa-se, na clínica, um esvaziamento subjetivo do outro, um empobrecimento da noção de *alteridade*. Se não alcanço a felicidade prometida, é porque o *outro* está ali para atrapalhar com o seu desejo, diferente do meu (nestas circunstâncias, é pertinente perguntar: *é possível gozarmos juntos?*). Associado ao reposicionamento da mulher na sociedade, os homens parecem encontrar-se retraídos e assustados, e reclamam que elas tornaram-se dominadoras, castradoras e que os sufocam e atormentam com suas queixas e exigências. Por outro lado, as mulheres queixam-se de que os homens não querem envolvimento, não as assumem, ou são impotentes, etc. Homossexuais sofrem por não conseguirem estabelecer uma relação afetiva duradoura. Parece que é a própria noção de *amor objetal* – e não apenas o casamento – que está em crise. Paralelamente, recebemos no consultório muitas pessoas para as quais a questão principal não diz respeito, diretamente, ao amor objetal e suas vicissitudes; são pessoas profundamente afetadas em sua constituição *narcísica* primária – em sua capacidade de amar-se –, possivelmente por não terem sido objeto de um amor primordial para alguém.
- Em sua análise da psicologia masculina e feminina, em *O coito e os sexos*, Reich lança mão da teoria freudiana da *castração*. É por temor à castração que o homem cinde seu objeto edípico; é por não poder renunciar à sexualidade clitoriana – que se lhe configura como *fálica* –, que a mulher priva-se do prazer genital. No caldo de cultura em que Reich escrevia o seu artigo, o homem era o senhor onipotente do *falo*²¹, restando à mulher somente o exercício fálico da maternidade. Na contemporaneidade, estas posições encontram-se muito menos cristalizadas,

²⁰ Michel Foucault, citado por Branco (1987) e Giddens (1993), questiona o que denomina “hipótese repressiva”, apontando que a *moral vitoriana* atribuiu uma importância à sexualidade inédita no ocidente, que se expressou através do desenvolvimento de uma *scientia sexualis* (ciência sexual), que buscava descrever e classificar minuciosamente as modalidades de comportamento sexual (*perversões*, ou *aberrações sexuais*) que contrariavam a norma vigente – o sexo a serviço da procriação. De acordo com Foucault, este discurso consistiria em uma sofisticada estratégia “(...) para promover, ao lado do controle e da repressão, formas um tanto excêntricas de prazer” (Branco, 1987: p. 53).

²¹ Se digo *falo*, e não *pênis*, é porque estou recorrendo a referências simbólicas, não anatômicas.

muito mais complexas. O *atributo fálico*²² não mais se configura como privilégio de membros de um determinado sexo biológico. No entanto, no imaginário de homens e de mulheres persistem antigas noções profundamente enraizadas, tornando-se fonte de conflitos interiores e de tensão nas relações interpessoais.

- Por fim, penso ser possível reivindicar a *atualidade* do artigo de Reich que estamos examinando. Recentemente, o jornal *Zero Hora* (Porto Alegre, 23/06/2001, Caderno VIDA, p. 4-5) publicou uma matéria discutindo o tema da impotência, onde se lê o seguinte: “hoje, o consenso é de que a impotência sexual masculina é fruto basicamente de causas orgânicas”. A quem pode interessar uma informação destas? Mais adiante, encontramos que o Viagra é “(...) o medicamento mais vendido do país hoje (...)” e que novas pílulas, com ação mais rápida e duradoura, estão entrando no mercado (e não é que o meu cliente – aquele, da piada – estava certo!). Embora assinale que “os medicamentos não substituem o desejo sexual”, a matéria, logo adiante, trata de desmanchar qualquer ilusão psicologizante ao derivar o desejo sexual da produção de testosterona – cujos distúrbios podem ser tratados por meio de reposição hormonal. Este *reducionismo biológico* só pode interessar aos laboratórios da indústria farmacêutica que, com suas “pílulas da felicidade”, apenas revelam – e exploram – a profunda infelicidade do sujeito contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema da *discrepância temporal entre o momento do clímax do homem e o da mulher, no ato sexual*, insere-se em um debate mais amplo acerca da importância da gratificação corpórea da pulsão sexual. Era convicção de Wilhelm Reich que a sublimação da energia desta pulsão para fins culturais – necessária, sem dúvida – possuía um limite de possibilidade, a partir do qual acarretaria prejuízos subjetivos intensos – o adoecimento neurótico –, que atuavam em detrimento da realização dos objetivos da cultura²³. Também era convicção de Reich que a sociedade do seu tempo fazia demasiadas exigências sublimatórias e impunha pesadas restrições à satisfação sexual como condição de preservação de uma ordem social fundada no autoritarismo e na

²² Esta concepção teórica tem sido frequentemente criticada por ser *falocêntrica*; no entanto, entendo que esta é uma característica da cultura em que vivemos (Reich preferia denominá-la *patriarcal*), como Freud o demonstra através do mito de *Totem e tabu* (1913).

²³ Leia-se, a este respeito, o excelente artigo de Freud *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* (1908).

desigualdade sócio-econômica. Neste sentido, a denúncia do confinamento da sexualidade nos estreitos marcos do matrimônio legal e para fins exclusivos de reprodução consistia em um autêntico programa de transformação social. Ao apregoar o direito das mulheres ao prazer sensual²⁴, dos jovens a iniciarem-se sexualmente em condições favoráveis, das crianças exercerem seus jogos eróticos, o direito ao aborto, ao uso de métodos anticoncepcionais, etc, Reich atacava não apenas os fundamentos do casamento burguês, como pretendia abalar as próprias bases da ordem capitalista (nesta perspectiva, cada encontro orgástico consistiria em um pequeno filete de um caudal revolucionário maior).

Clinicamente, Reich considerava que a internalização das barreiras sócio-culturais resultava em diferentes configurações de bloqueio afetivo associado à inibição sexual. Ao propor o *relacionamento amoroso baseado na intimidade sexual* como alternativa ao casamento burguês, Reich antecipa-se, historicamente, anunciando aquela que viria a constituir-se em uma das mais importantes reivindicações humanas contemporâneas. É no atual contexto de democratização amorosa e sexual (Giddens, 1993) que o problema da *discrepância dos climaxes* torna-se pertinente. *Quero gozar contigo!* é a expressão de um *anseio igualitário por intimidade e intensidade*, que contrapõe-se tanto à hierarquização das relações amorosas, quanto ao empobrecimento dos laços afetivos. Isso pressupõe a libertação da sexualidade de suas obrigações reprodutivas e de sua condição de dever conjugal²⁵. É preciso que a sexualidade seja suficientemente *plástica* para que os parceiros possam afiná-la em sintonia um com o outro. É enquanto *arte erótica*, pautada pela busca da intensidade do encontro humano, que esta tendência da sexualidade contemporânea – que teve em Reich um de seus arautos – procura se afirmar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANK, Paulo.** *E o eu com o isso?* 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. A função da função do orgasmo. In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, Imago, v. 49, n. 2, p. 55-66, abr./jun., 1997.

²⁴ Penso ser possível considerar a histeria feminina do tempo de Freud como sendo uma manifestação *quase* política, na medida em que encerrava uma reivindicação implícita (reprimida) do direito da mulher ao desejo sensual.

²⁵ Neste sentido, o próprio anseio pela *simultaneidade dos climaxes*, se transformado em ideal a ser, necessariamente, alcançado, pode vir a constituir-se em uma nova tentativa, mal-disfarçada, de submeter a sexualidade a algum mecanismo coercitivo.

- BRANCO, Lúcia Castello.** *O que é erotismo.* São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio.** *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi.* São Paulo: Escuta, 1999.
- GIDDENS, Anthony.** *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- REICH, Wilhelm.** O coito e os sexos (1922). In: *Primeiros escritos.* Rio de Janeiro, 1992. 126 p. mimeografado.
- _____. *Psicopatologia e sociologia da vida sexual* (1927). São Paulo: Global [s/d].
- _____. *A revolução sexual* (1936). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *A função do orgasmo* (1942). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. A linguagem expressiva da vida (1948). In: *Análise do caráter.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOUZA, Octávio.** Uma visita ao amor e à conjugalidade na época de Freud. In: CALLIGARIS, Contardo; et. al. *O laço conjugal.* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- WAGNER, Cláudio.** *Futebol e orgasmo: ensaio sobre orgonomia e futebol.* São Paulo: Summus, 1998a.
- _____. O humorístico e sua relação com a orgonomia. In: GIBIER, Luiz; MALUF, Nicolau (Org.). *Reich contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais.* Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998b.